



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA COORDENAÇÃO DE  
PESQUISA

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA –  
PIBIC

**PROJETO DE PESQUISA:**  
**“TEORIAS PERIFÉRICAS” E TEORIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**PLANO DE TRABALHO:**  
**A INSERÇÃO E AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO FEMINISTA  
PARA A TEORIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Relatório Final

Período da bolsa: de agosto de 2020 a agosto de 2021

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica  
PIBIC/VOL

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>3</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>4</b>
	<b>2.1 Objetivo Geral .....</b>	<b>4</b>
	<b>2.2 Objetivos específicos: .....</b>	<b>4</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>5</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>6</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>15</b>
<b>6</b>	<b>PERSPECTIVAS DE FUTUROS TRABALHOS.....</b>	<b>16</b>
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>17</b>
<b>8</b>	<b>OUTRAS ATIVIDADES .....</b>	<b>19</b>
<b>9</b>	<b>JUSTIFICATIVA DE ALTERAÇÃO NO PLANO DE TRABALHO .....</b>	<b>21</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As mais notáveis teorias tradicionais das Relações Internacionais (RI) possuem um alto poder explicativo sobre as temáticas referentes à segurança, estrutura, anarquia, poder e/ou cooperação, com ênfase no papel do Estado-nação de garantir a sobrevivência, estabelecer relacionamentos e se projetar no Sistema Internacional. Com o passar do tempo, as relações de diferentes naturezas, estabelecidas no âmbito internacional, experimentaram mudanças significativas, seja com o surgimento de novos atores, novas perspectivas, novas demandas ou de novos paradigmas, que despertaram a necessidade de um estudo peculiar para essas questões.

Halliday (2007) procura, ao tratar da emergência da teoria das Relações Internacionais, traçar um esboço de como funciona o processo de teorização no nosso *campo*. De acordo com ele, o desenvolvimento das RI, e de outras Ciências Sociais, são frutos de três círculos concêntricos de influência: “a mudança e o debate dentro da própria disciplina, o impacto dos desenvolvimentos do mundo e a influência de novas ideias de outras áreas da ciência social” (HALLIDAY, 2007, p.20). Ainda acrescenta que o interestatal, o transnacional e o sistêmico, os três elementos constitutivos das RI, possibilitam a vigência de diversas especializações e várias abordagens. Já o cientista político canadense, Robert Cox (1981), em *Social forces, states and world orders: beyond international relations theory*, diz que uma teoria é sempre para algo, com um propósito e direcionada para alguém. Em síntese, ele também busca explicar que as teorias das Relações Internacionais estão envolvidas na mudança substancial das formas políticas já estabelecidas na arena internacional.

Ao buscar entender as perspectivas e os debates clássicos e contemporâneos, que são relevantes para Teoria das Relações Internacionais (TRI), é essencial explorar as diferentes abordagens teóricas na sua diversidade e suas divergências. Incluir as contribuições “mais recentes”, tais como a feminista, pós-colonialista, as que envolvem o problema do meio ambiente – teoria verde – entre outras, contribuem para o processo de expansão teórica do *campo* das Relações Internacionais.

Com a discussão sobre as mulheres e o gênero, deu-se início a uma série de estudos focados nas condições desses sujeitos na sociedade. No caso das Relações Internacionais, ao buscar abrir espaço, procurou-se considerar que existe uma multiplicidade de feminismo com impactos distintos na bibliografia de Relações Internacionais e na destreza de repensar os aspectos teóricos, principalmente por

reexaminar conceitos e convicções. Ana Clara Telles C. de Souza (2014) articula que, apesar de ser complexo fornecer com exatidão o momento em que as leituras feministas sobre política internacional começaram a aparecer na literatura de Relações Internacionais, acredita-se que seja por volta da década de 1980. Para Tickner (2001), o aprofundamento dessa relação vem com o Terceiro Grande Debate em RI, mediante as críticas às visões tradicionais da disciplina, essencialmente aquelas de influência realista.

Mariana de Medeiros Costa (2021) explica que o encontro da teoria feminista, dos estudos feministas, com as Relações Internacionais trouxe importantes contribuições para esta última nas décadas finais do Século XXI. Elencando esses aportes, a autora frisa os dois pontos mais marcantes desse processo. O primeiro, a identificação do gênero como categoria analítica e o segundo a apresentação de perspectivas epistemológicas feministas como alternativa às abordagens tradicionais da disciplina.

Dessa maneira, o presente plano de trabalho procurou considerar a inserção e as contribuições do pensamento feminista para a Teoria das Relações Internacionais. Para tanto, de maneira mais específica, buscamos nos concentrar em três tópicos: na possível inserção das abordagens feministas na Teoria das Relações Internacionais; nas mudanças epistemológicas causadas pela inserção do feminismo nas Teoria de Relações Internacionais; e nas contribuições das feministas do Sul, para além da esfera geográfica, a partir da interseção entre as abordagens feministas e as RI.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

O objetivo principal da presente pesquisa consiste em considerar a inserção e as contribuições do pensamento feminista para a Teoria das Relações Internacionais.

### **2.2 Objetivos específicos:**

- Estudar a possibilidade da inserção das abordagens feministas na Teoria das Relações Internacionais;
- Apontar as principais mudanças epistemológicas causadas pela inserção do feminismo nas Teoria de Relações Internacionais;
- Observar a interseção entre teorias feministas e Relações Internacionais, com enfoque para as contribuições das feministas do Sul.

### 3 METODOLOGIA

Tratando-se especificamente do estudo dos métodos das ciências, definida como metodologia, é interessante situar o referido tópico em termos de definição, qual e porquê do processo escolhido para conduzir o estudo/investigação. Dado o exposto, de acordo com Cleber Cristiano Prodanov e Ernani Cesar de Freitas (2013), no livro *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*, a metodologia é responsável por examinar, descrever e avaliar os métodos e as técnicas de pesquisa que possibilitam tanto a coleta como o processamento de informações, com a finalidade primordial de estabelecer encaminhamentos e soluções viáveis de questões e/ou de investigação. “A Metodologia é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.14).

Por meio da técnica de revisão sistemática da literatura/bibliografia, com base em estudo qualitativo, buscamos estudar os conteúdos referentes à interação entre a Teoria das Relações Internacionais e a Teoria Feminista. Para Galvão e Ricarte (2019), a revisão sistemática se caracteriza por ser uma modalidade de pesquisa com rigor de protocolos específicos, e que procura compreender e dar alguma logicidade a um grande corpus documental. Nesse processo, a autora e o autor realçam a existência de algumas etapas que compõem o desenvolvimento da revisão sistemática. São elas: a delimitação da questão a ser tratada na revisão; a seleção das bases de dados bibliográficos para consulta e coleta de material; a elaboração de estratégias para busca avançada; a seleção de textos e sistematização de informações encontradas.

De maneira mais específica, de acordo com Siddaway, Wood e Hedges (2019), as revisões sistemáticas da literatura sintetizam e criticam um conjunto de literatura, com o propósito de fornecer uma impressão mais geral acerca da extensão, natureza e qualidade da evidência em relação a uma questão de pesquisa específica, capaz de evidenciar as lacunas entre o que de fato nós sabemos e o que precisamos saber. Quando a revisão possui um teor mais narrativo, esta torna-se mais apropriada quando os estudos quantitativos a serem empregados partem de diferentes conceituações teóricas, construtos e/ou relacionamentos. Augusto *et al.* (2013) salientam ainda que a pesquisa qualitativa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem, e portanto, os métodos para geração e interpretação dos dados qualitativos

têm ganhado cada vez mais certa visibilidade nos diversos campos das ciências sociais e comportamentais, tais como a educação, a história, a ciência política, os negócios, a medicina, a assistência social, *etc.*

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Até chegar na inserção e nas contribuições do pensamento feminista para as TRI, fez-se necessário entender a relação estabelecida entre o internacional e a produção de conhecimento. De maneira mais singular, buscou-se delinear a ligação entre as Relações Internacionais e as características envolvidas no processo de teorização.

Fred Halliday (2007 [1999]), acadêmico irlandês, em seu livro, *Repensando as relações internacionais*, pondera sobre a relevância do debate sobre o “internacional” e de como é possível repensar a forma como enquadrados as relações internacionais. Para ele, “O “internacional” não é algo “lá fora”” (Halliday, 2007, p.34). Com essa colocação o autor busca frisar que o “internacional” não é uma área que pode ser ignorada, especialmente ao levar em conta que o internacional antecede e desempenha um papel formativo na constituição e emergência do Sistema, do Estado e das relações estabelecidas entre ambos. Além disso, Halliday (2007) considera que os estudos acadêmicos procuraram acompanhar as mudanças presenciadas pelo mundo, possibilitando um alargamento do que se enquadra no “internacional”. Nesse caso, acreditamos que isso pode ser alargado para como esse internacional se molda em termos de perspectivas, teorias, espaços, temáticas e conceitos.

No que se refere ao ensino e à produção de conhecimento, bell hooks<sup>1</sup>(2013), em *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, fornece bases para questionar o aporte teórico da disciplina de Relações Internacionais, particularmente ao “virar a chave” para as práticas educacionais, devendo ir além das demarcações de classe, sexo e raça, destacando os entraves nos âmbitos da construção da educação, do pensamento crítico e da superação das narrativas eurocêntricas. Além de traços da luta anticolonial, a autora promove a compreensão em relação ao pensamento e os estudos feministas, pautando-se na interseccionalidade. Tratando-se de estudos e definições existe uma série de autoras que trabalham com a concepção de interseccionalidade. Partimos da definição, produzida pela estadunidense, Kimberlé Crenshaw, de que a

---

<sup>1</sup> O uso do pseudônimo e a grafia do nome em minúsculo é uma opção da própria autora. A justificativa da escolha parte de uma frase da própria bell: "O mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu" (SANTANA, 2009).

mesma é entendida como uma ferramenta para que as mulheres atingidas por diversas formas de opressões (raça, gênero, classe, sexualidade, *etc*) possam considerar suas condições. A interseccionalidade é versada como uma conceituação do problema que procura capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação/opressão (CRENSHAW, 2002). Sobre a caracterização da teoria e o processo que a envolve, hooks (2013) acredita que a teorização é um processo de intervenção, capaz de ser ponderado e crítico. “[...] não existe brecha entre teoria e prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas — um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra” (HOOKS, 2013, p.86).

Por sua vez, Boaventura de Sousa Santos (2009) diz que a formação e validade do saber ainda são marcadas por uma hierarquização e supressão por parte de saberes dominantes, que tendem a se opor a outros pontos de vistas epistemológicos, constituindo o epistemicídio. Entretanto, a superação do sufocamento de outros conhecimentos é viável e as alternativas envolvem dar espaço para a presença de epistemologias alternativas e com visões mais amplas, especialmente das concepções advindas do Sul. Com a intenção de estabelecer um paralelo com os objetivos do presente trabalho, partindo desse intuito de pensar em uma lógica do Sul, na qual o feminismo se encaixa, haja vista que ele é naturalmente “periférico”, refere-se “as minorias”. Nesse sentido, pensar a partir do Sul, não é somente no sentido geográfico (Norte-Sul).

Ao tratar especificamente da disciplina de Relações Internacionais, Martin Wight (1960) corrobora com a visão eurocêntrica da trajetória disciplinar, ao trazer uma construção que vem do centro. Outro aspecto importante envolve o questionamento da existência da “teoria internacional”, comparando-a com a teoria política. Pedro Emanuel Mendes (2019) apresenta de forma sintética a caminhada feita pelas RI, apontando de que modo as percepções estadunidense e europeia são extremamente centrais e moldam como a disciplina é estruturada. O autor (2019) ainda salienta que as principais teorias das Relações Internacionais também possuem uma ligação substancial com a compreensão do desenvolvimento histórico ocidental anglo-saxônico das relações internacionais. Nas palavras do próprio autor,

Neste sentido, a profunda ligação entre os contextos históricos das RI e o surgimento e desenvolvimento de teorias das RI é o primeiro ponto que temos de assumir para compreendermos melhor os seus conceitos e teorias. O segundo ponto prende-se com a necessidade de explicar o significado de

teorias principais das Relações Internacionais. Como é característico das Ciências Sociais existem vários tipos e funções de teoria (MENDES, 2019, p.11-12).

Confirmando tais colocações, Halliday (2007) elucida que as Relações Internacionais, enquanto disciplina, desenvolveram-se esmagadoramente nas grandes universidades da Inglaterra e dos Estados Unidos e como uma derivação teórica de outras disciplinas das Ciências Sociais. Ademais, ressalta a força existente na diversidade teórica das RI. Já para Dunne, Hansen e Wight (2013) a disciplina é aquilo o que fizeram dela, e há um forte indicativo de continuar a reproduzir as teorias dominantes, sendo trabalhoso e difícil provocar mudanças, mas não impossível. Uma transformação nesse sentido seria a aceitação dessa fragmentação teórica, por meio do pluralismo, sendo adotado como uma resposta a essa questão, entendendo as limitações das Teorias em Relações Internacionais, bem como debater a potencialidade de intercâmbio de ideias.

É de suma relevância discutir e inserir as produções não-Ocidentais, marginalizadas, do Sul e periféricas ao debate de Relações Internacionais, para assim buscar formular fundamentos teóricos e teorias com capacidade explicativa para acontecimentos e manifestações internacionais de maneira universal ou enxergando suas particularidades. Assim como as contribuições para a ampliação dos debates e as críticas das abordagens da teoria crítica, feministas, ambientalistas, pós-modernista, pós-estruturalistas e pós-colonialistas, fazem acerca da “natureza” universal das Teorias de Relações Internacionais. Quase que em sua totalidade existe a ausência da visitação aos processos históricos periféricos e orientais, bem como a inclusão feminina neste aspecto, fazendo assim com que haja uma visão Ocidental (eurocêntrica) da história das relações internacionais, dominada pelos homens, deixando de fora perspectivas e participações importantes.

No longo exercício de lançar questionamentos acerca da teorização nas Relações Internacionais, interpelamos como a teoria e os debates que permeiam o feminismo chegaram nas RI. É também admissível pensar que de fato há mais de um feminismo no geral e no *campo*, tais como feminismo radical, feminismo interseccional, feminismo negro, feminismo liberal, feminismo pós-colonial, feminismo pós-estruturalista, entre outros. Assim como visualiza-se quais autoras feministas já ganharam destaque nas RI e nas TRI, tais como Katherine Moon, Cynthia Enloe e J. Ann Tickner.

Como elucidado, por meio de algumas autoras e autores é tangível entender como o debate das questões de gênero e o debate feminista chegaram nas RI. Halliday (2007) explica que, ao olhar o contexto do momento e as décadas finais do século XX, uma pesquisa feita em importantes artigos publicados e livros resumidos e resenhados pelas mais renomadas revistas estadunidenses e inglesas de Relações Internacionais, entre os anos 1970 e 1980, mostravam pouquíssimas produções a respeito de questões de gênero, cenário este que se estendia para os cursos introdutórios, manuais e livros de estudos. Por muitos anos o crescimento dos estudos focados nas temáticas feministas e sobre as mulheres foi ignorado pelo *campo*, particularmente porque havia uma forte separação da esfera de gênero e das relações internacionais. Segundo o autor (2007), ao fazer isso, as relações internacionais, de maneira implícita, pleiteavam a ideia de que os processos internacionais seriam eles mesmos neutros em gênero, sendo assim, que eles não teriam efeito nenhum tanto sobre a posição quanto do papel das mulheres na sociedade. Sem embargo, Izadora Xavier do Monte, em *O debate e os debates: abordagens feministas para as relações internacionais*, e J. Ann Tickner, através do texto *Gender in international relations: Feminist perspectives on achieving global security*, entendem não ser verdade que os processos internacionais e as concepções dos papéis de gênero não têm relação com o posicionamento de homens e mulheres. Tickner (1992) constata a baixa representatividade e presença das mulheres como atores políticos relevantes em política internacional e da limitação da atuação dessas mulheres. Por sua vez, para Monte (2013), as diferenças no acesso ao poder, recursos e autoridade afetaram e continuam a afetar a posição das mulheres na sociedade e, conseqüentemente, no Sistema Internacional. Somada a essas colocações, estende-se às considerações feitas pela filósofa brasileira, Sueli Carneiro (2011), no capítulo *Construindo cumplicidades*, parte do livro *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*, as quais ela aponta que em todo Dia Internacional da Mulher, comemorado em 8 de março, celebramos o “cada vez maior” crescimento da “presença” feminina nas esferas de poder, nas tomadas de decisões, no mundo dos negócios, em atividades secularmente privatizadas pelos homens, acima de tudo, pelos homens brancos. A autora (2011) aponta que, no geral, em meio a essas comemorações e debates, omite-se o fato de que as mulheres negras não estão experimentando a mesma diversificação de funções sociais que a luta das mulheres produz. Ainda que com o tempo a situação tenha melhorado, ainda existe em níveis diferentes uma sub-representação das mulheres nas

esferas de poder. A mera representação e aumento de mulheres na política, ainda que significativos, não são suficientes e nem necessariamente significam que as reivindicações da teoria e do movimento feminista serão incorporadas.

À vista disso, em tal cenário, podemos indagar os papéis e características que são atrelados ao gênero feminino e masculino, e ao sexo, demarcando as definições de fêmea e macho. A centralidade do conceito de gênero e suas diferentes definições permeiam a formação de uma gama de feminismos. “Uma divisão se introduz no sujeito feminino por meio da distinção entre sexo e gênero” (BUTLER, 2019, p. 25). Ao passo que sexo estaria atrelado à condição biológica do ser humano, segundo Butler (2019), o gênero seria algo cultural e socialmente construído. Monte (2010) articula que o gênero como categoria de análise é um relevante elemento distintivo da teoria feminista, ou como nos últimos anos muitos chamam de “os estudos de gênero”. “Gênero é, antes de tudo, uma categoria relacional, referente aos pressupostos sociais que constituem as diferenças entre homens e mulheres” (MONTE, 2010, p.8).

Ainda em *Gênero e relações internacionais: uma crítica ao discurso tradicional de segurança*, ao se debruçar sobre as mudanças ontológicas e epistemológicas, Monte (2010) busca compreender a convergência entre gênero e o Terceiro Grande Debate em Relações Internacionais, tornando as discussões sobre masculinidade e feminilidade componentes da prática e da teoria política. Discorre ser por meio desse terceiro debate que pontos identitários associados à constituição da disciplina como discursos, instituições e normas adquirem potência, e com elas, a abordagem feminista para as Relações Internacionais. “A inclusão do gênero como parte do campo de estudos das relações internacionais no pós-Guerra Fria foi ponto de partida para o surgimento de um número considerável de abordagens feministas na disciplina” (MONTE, 2010, p.34).

Concentrando-se nos caminhos abertos através do “Terceiro Debate” (Positivismo x Pós-positivismo) em Relações Internacionais, embora Tickner (2001) acreditasse que a inclusão das mulheres no nosso campo de estudos já acontecia antes disso, de maneira encoberta, a autora expõe que a conexão entre feminismo e Relações Internacionais se tornou mais acentuada, de fato, com a emergência do terceiro debate. Foi por meio do mesmo que os desafios e críticas aos postulados mais tradicionais, sobretudo os de influência do realismo, passaram a se aprofundar. Monte (2013) acrescenta que com o surgimento dessa, então nova, fronteira de debate, ocorreu uma forte disputa entre

positivistas e pós-positivistas. De forma geral, em Relações Internacionais, o positivismo se utiliza de

[...] métodos e pressupostos retirados do liberalismo clássico e da ciência econômica para estabelecer leis gerais da política internacional. São duas as principais correntes positivistas: realistas e liberais. Ambas partem da consideração básica de que o sistema internacional se organiza anarquicamente, isto é, não há autoridade acima dos Estados (MONTE, 2013, p.60).

Enquanto que o outro lado, o do pós-positivismo, é formado por teóricos com visões próprias.

Teóricos pós-positivistas, em RI, serão aqueles que buscam entender as normas e instituições a partir das quais agem os Estados. Pós-positivistas cogitam mesmo a existência de “identidades estatais”, construídas entre atores domésticos e externos, e que impactam as tomadas de decisão em política externa” (MONTE, 2013, p.60).

Segundo Tickner (2001), as diversas abordagens feministas, que permeiam as RI, possuem um ponto em comum. Tal ponto refere-se ao tópico de que política internacional é baseada na hegemonia masculina e, assim, os temas e entendimento da disciplina giram em torno disso. Ao abordar essas questões, delineando renovadas ontologias e epistemologias, autoras importantes lançam o questionamento sobre onde estão as mulheres na política nacional e internacional, também marcado como pauta do feminismo liberal, que recaiu sobre outras vertentes do feminismo com um teor mais crítico. Em vista disso, para Enndiel Mendes (2021) os empenhos produzidos pelas feministas que já faziam parte das Relações Internacionais possibilitaram a inserção do debate de gênero para as RI no final dos anos 1980 e início dos anos 1990. “As pesquisas feministas buscaram propor uma investigação das Relações Internacionais sob a ótica das questões de gênero e trataram de repensar as bases epistemológicas e ontológicas das RI” (MENDES, 2021, p.11).

Em “*O pessoal é internacional*”: como as teorias feministas transformam o estudo das Relações Internacionais, Ana Clara Telles C. de Souza (2014), ao tratar das transformações de caráter ontológico e epistemológico capaz de gerar os feminismos, explicita que as abordagens de gênero e feministas fornecem algo marcante para a disciplina de Relações Internacionais. Afinal, são essas abordagens hábeis para desafiar sobremaneira os postulados ontológicos e epistemológicos predominantemente tradicionais em política internacional. Ao fazer isso, a teoria de gênero e a teoria feminista abrem caminhos mais frescos para se pensar o quê e como se estudam as relações internacionais. Diz a autora,

Se questionamentos feministas no campo começam por perguntar “onde estão as mulheres na política internacional?”, posteriormente eles se desenvolvem em uma robusta agenda de pesquisa preocupada com as consequências políticas da manutenção das Relações Internacionais como uma disciplina centrada no Estado e preocupada com “a guerra e a paz”. O feminismo desafia, portanto, as inúmeras certezas disciplinares das Relações Internacionais (SOUZA, 2014, p.0).

Souza (2014) ainda completa discorrendo que quando nos perguntamos os lugares que as mulheres ocupam, ou deixam de ocupar, na esfera internacional, damos um primeiro passo vultoso para se ponderar, a partir da crescente contribuição das literaturas feministas do *campo*, de quais modos ocorrem as relações de desigualdade e as opressões de gêneros na política internacional. A ampla literatura feminista de Relações Internacionais vai além de apurar causas, consequências e desfechos da baixa presença de mulheres nos espaços onde as relações internacionais e as Relações Internacionais acontecem. Elas também

[...] extrapolam suas críticas em direção a como representações e papéis de gênero – de maneira simplificada, estereótipos sociais sobre masculinidade e feminilidade – influenciam e se relacionam à condução histórica da política mundial. A partir desses questionamentos, abrem-se discussões sobre o que é considerado objeto de estudo pela disciplina e sobre que forma de ciência é concebida como legítima para estudá-las; em outras palavras, debates e reflexões sobre como a disciplina das Relações Internacionais é construída, e como ela deve se reconstruir (SOUZA, 2014, p.3).

Raissa Wihby Ventura e Raquel Kritsch (2017), em artigo publicado pela revista *Moções, Relações Internacionais, teorias feministas e produção de conhecimento: um balanço das contribuições recentes*, afirmam que as numerosas perspectivas epistemológicas articuladas pelas teorias feministas no último período do século XX foram apropriadas pelas Relações Internacionais. Tal apropriação foi uma das responsáveis, talvez a principal responsável, por gerar posições distintas para e sobre a produção de conhecimento. Ao apresentarem um panorama histórico, bastante detalhado das perspectivas feministas na área das RI, as autoras (2017) mostram que existe uma enorme pluralidade de feminismos com diferentes impactos na bibliografia de Relações Internacionais, até mesmo com divergências substanciais e críticas entre autoras e autores que fazem parte do debate. “A epistemologia feminista, em linhas gerais, tem como objeto o(s) modo(s) em que o gênero influencia a nossa concepção compartilhada de conhecimento, as práticas de pesquisa e justificação que podem ser consideradas legítimas” (VENTURA; KRITSCH, 2017, p.28).

De acordo com Ventura e Kritsch (2017), as agendas de pesquisas e de demandas que compõem os feminismos são engendradas a partir da urgência de fornecer opções

frente a um *status quo* em que as mulheres, suas histórias, suas experiências, seus lugares e suas falas são deixadas de lado. Há uma necessidade de se esforçar para captar as maneiras como as relações de gênero são construídas e reproduzidas, para assim assimilar que é por meio dessa construção e reprodução que há a exclusão sistemática da mulher e do feminino das atividades, do campo e da produção de conhecimento. Em termos do que constitui a tradição clássica da disciplina, as teorias e as práticas das Relações Internacionais geram, reforçam e duplicam o silenciamento de grupos sociais pária, no qual o grupo das mulheres está dentro desse ambiente subalterno. No que lhe concerne, Luara Lopes (2006, p.9-10) manifesta que as ideias acerca da organização sobre o que é gênero são tão persuasivas e robustas que constantemente são vistas como naturais. Completa dizendo que o discurso tradicional, base da Teoria das Relações Internacionais, ao negligenciar e silenciar as produções sobre o gênero, não estava/está sendo “neutro”, mas sim parcial, conservador e omissivo.

Tratando da pluralidade de feminismos, esta refere-se às muitas vertentes de feminismos, inclusive para/nas RI. É por isso, que, Monte (2013) procurou construir um panorama das abordagens feministas para a área, tais como feminismo liberal, feminismo socialista, feminismo pós-moderno, feminismo radical, feminismo pós-colonial entre outros. No que tange às concepções do feminismo liberal, a autora (2013) aponta que as liberais têm maior atenção na reversão das desigualdades e hierarquias muito mais no âmbito prático do que teórico e tendem a assumir compromissos epistemológicos que flertam diretamente com o positivismo. Para as feministas radicais existe uma priorização da autonomia e a liberação das mulheres em relação a normas masculinistas e heteronormativas, e por isso, afrontam o poder do gênero dentro do Estado e do sistema interestatal. Em função disso vão se opor as feministas liberais e suas considerações de que as únicas barreiras que impedem a emancipação feminina são os atributos legais. Já no que se refere ao feminismo pós-colonial, as feministas que fazem parte dessa abordagem também são chamadas de antirracistas ou anti-imperialistas, uma vez sua principal pauta gira em torno da interação entre imperialismo, colonialismo, capitalismo e racismo e as opressões sofridas pelas mulheres. “As mulheres do Terceiro Mundo experimentariam formas particularmente agudas de opressão por causa dessas interrelações” (MONTE, 2013, p.76).

Os feminismos têm pontos divergentes e convergentes. Em comum, dentro das RI, há a inclusão, em seu projeto científico, de uma dimensão política com pretensão de ir

além da superação da opressão feminina, uma vez que esta também seria pautada na construção de uma ordem internacional mais justa, na qual hierarquias, de gênero, classe ou raça, não estejam presentes (MONTE, 2013). Dessarte, a teoria e movimento feminista, antes de chegar ao estudo das relações internacionais, e principalmente na Teoria das Relações Internacionais, passam por definições, reformulações e etapas que foram tão importantes quanto a crível abertura com o terceiro grande debate em RI, mencionado anteriormente, para que os feminismos ganhassem espaço dentro da TRI.

Costa (2021) diz que o termo “feminismo” surgiu depois de meados do Século XIX. A concepção de feminismo fazia alusão a um movimento que pretendia assimilar a posição das mulheres no terreno social e refletir acerca das relações de poder assimétricas, materializadas nas regras e nos costumes, ostentados tanto nas estruturas de Estado quanto no tecido social de modo capilarizado. Segundo Ivone Ferreira Caetano (2017), o movimento feminista é marcado pela defesa dos interesses de gênero, pela horizontalidade decisória, pela busca de autonomia feminina e por arquitetar críticas às composições sociais das suas atribuições. Enquanto movimento social, o feminismo foi originado em um cenário moderno e relacionava-se, e continua a se relacionar, com as reivindicações por direitos sociais e políticos (direito ao voto, a uma vida além do lar e igualdade política). Durante muitos anos a luta feminista foi resumida ao ápice da mobilização das mulheres em torno do ideário de diversos países, afamada como “luta sufragista” e voltada para as experiências das mulheres na Inglaterra e nos Estados Unidos.

hooks (2019) destaca que o aprendizado sobre feminismo pode muitas vezes advir de uma mídia de massa patriarcal, na qual a noção de feminismo é desenhada por mulheres envolvidas com a igualdade de gênero, salários iguais para funções iguais e da divisão igualitária das atividades domésticas entre homens e mulheres. As mulheres que fazem parte dessa mesa são, geralmente, brancas e economicamente privilegiadas. Ao olhar para a vivência das mulheres negras, a ativista social e teórica feminista, Gloria Jean Watkins, conhecida pelo pseudônimo bell hooks, expõe que embora estas, individual ou coletivamente, fossem ativas no movimento contemporâneo desde sua gênese, não foram as figuras que se tornaram “estrelas” do movimento, “que atraíam a atenção da mídia de massa. Muitas vezes, essas mulheres negras ativistas do movimento feminista eram feministas revolucionárias (como várias lésbicas brancas)” (HOOKS, 2019, p.20).

Gonzalez (2020[1988]) reflete sobre as contradições internas do feminismo, e igualmente, do feminismo latino-americano. A antropóloga e militante do movimento feminismo, no ensaio *Por um feminismo afro-latino-americano*, busca contribuir para o avanço dos repertórios e elencos incumbidos de compor o feminismo latino-americano, apontando que dentro do movimento de mulheres, as negras e indígenas são testemunhas da exclusão que reverbera em outros segmentos da sociedade. De maneira taxativa, Lélia Gonzalez não descarta o papel que a teoria e a prática feminista desempenharam, particularmente conforme apresentava questões recentes, estimulava a formação de grupos/redes, e buscava desenvolver uma nova maneira de ser mulher. O feminismo “revelou as bases materiais e simbólicas da opressão das mulheres, o que constitui uma contribuição da importância crucial para a direção de nossas lutas como movimento”(GONZALEZ, 2020, p.140). Entretanto, apesar de haver um forte engajamento e de fornecer contribuições para os debates sobre discriminação com suporte na orientação sexual, o feminismo — branco, de classe média, heterossexual e eurocêntrico — não procurou se comprometer com a discriminação de caráter racial. Algo assim é desacertado, “Exatamente porque tanto sexismo como racismo partem de *diferenças biológicas* para se estabelecerem como ideologias de dominação” (GONZALEZ, 2020, p.141). Por sua parte, dedicando-se a articular a experiência das mulheres negras brasileiras no feminismo, Carneiro (2003) reforça o argumento de Lélia Gonzalez, pois descreve as denúncias e as problemáticas enredadas no silêncio sobre outras formas de opressão que não são somente o sexismo. Os apontamentos no que diz respeito a pensar nas muitas formas de opressões, requerem do feminismo uma reelaboração do discurso e práticas políticas, para assim se libertar da prisão que é a visão eurocêntrica e universalizante das mulheres.

## 5 CONCLUSÕES

Existe uma investida constante e uma variada gama de produções refletidas na Teoria de Relações Internacionais, particularmente quando derramamos esforços para interpretar e compor os instrumentos teórico-conceituais disponíveis para explorar os episódios e fenômenos internacionais. Ao passo que nós, dos estudos das RI, providenciamos a abertura e recapitulação da produção de conhecimento nas Relações Internacionais, carecemos de reavaliar as interpretações da TRI.

Sendo assim, o debate sobre a incorporação das mais diversas teorias ao campo se

faz necessário, ressaltando a dimensão dos pontos teóricos mais antigos dentro das Relações Internacionais, mas que se deve entender em quais contextos surgiram, limitações que existem nessas discussões e os espaços para a ampliação de novos debates teóricos, com o intuito de abarcar outras vertentes de produção científica e intelectual.

Procura-se aqui perceber o nexos existente entre TRI e a teoria feminista em sua amplitude, trilhando o rumo percorrido da segunda, haja vista que a partir desse exercício identificamos elementos que levaram às transformações da esfera teórica. Os feminismos são potências que desapontam para a abrangência do conhecimento científico, formas e aquisições, e da natureza/existência central das Relações Internacionais. Embora seja perceptível, e crescente, a presença dos debates de gênero e feminismo no campo teórico, ainda é estreito o lugar que costumam ocupar. Ainda há um distanciamento entre tais esferas, carecendo de uma quantidade maior e mais intensa da incorporação de dimensões feminista enquanto relevantes para o terreno internacional. Ainda no que se refere à teoria feminista, precisa-se olhar melhor para a sua pluralidade, excedendo a visão de um feminismo branco, classista, ocidental, estadunidense e eurocêntrico.

## **6 PERSPECTIVAS DE FUTUROS TRABALHOS**

As discussões e os trabalhos que englobam o debate de gênero, principalmente com o recorte dos feminismos, vêm ganhando cada vez mais notoriedade. Na descrição resumida do nosso plano de trabalho, salientamos justamente que com o avançar dos movimentos feministas, as discussões sobre as mulheres e o gênero deram início a uma série de estudos focados nas condições desses sujeitos na sociedade e que para ilustrar a invisibilidade da/das teoria/teorias feministas dentro da nossa área seria necessário analisar o porquê ocorre tal ocultamento e como a área pode ou não fortalecer o mesmo. Ao buscar abrir espaço na disciplina, buscamos e buscaremos levar em consideração que existe uma pluralidade de feminismo com impactos distintos na bibliografia de Relações Internacionais e no desenvolvimento dos aspectos teóricos, especialmente por trabalhar e reivindicar as concepções de política, poder, organização da atividade social e acesso a recursos que afetam a posição das mulheres no mundo. Portanto, consiste em estudos cada vez mais necessários, aproximando-se com os debates conceituais, abrindo margem para pensar as TRI de forma mais abrangentes, incorporando novos

recortes, novas perspectivas, conceitos, novas autoras e autores, com possibilidades de engendrar novas pesquisas, tanto em termos qualitativos como quantitativos. Seria um importante esforço coletivo em ampliar o arcabouço do debate feministas nas RI por meios de pesquisas mais recentes, que estabeleçam pontes com os acadêmicos e acadêmicas do Brasil e da América Latina.

A experiência na Iniciação Científica desempenhou um papel preponderante nas esferas pessoal, acadêmica e profissional, ocasionando uma maior responsabilidade, aprimoramento do pensamento crítico, melhora na oratória e escrita, amadurecimento teórico e prático, que foram além da escrita do trabalho, presente dentro e fora das salas de aula. Entendemos que as abordagens/teorias feministas estabelecem diálogos com diferentes áreas do conhecimento, em determinadas áreas com maior destaque em outras com menor, sua aplicação no caso das Relações Internacionais, especificamente das Teorias de Relações Internacionais, ainda é uma problemática e fonte de estudo com ínfimos trabalhos e incorporação se compararmos com as teorias mais clássicas das RI. Sendo assim, pretende-se seguir trabalhando com esse tema, adicionando novos recortes e enfoques em projetos futuros, como na publicação de artigos e nas disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso I, já finalizada e na de Conclusão de Curso II, em andamento. Além disso, também pretendemos seguir com a temática em uma possível entrada em algum Programa de Pós-Graduação.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Cleicle Albuquerqure et al. Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 51, n. 4, p. 745-764, dez. 2013.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. 287 p.

CAETANO, Ivone Ferreira. **O feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade**. 2017. 24 f. Artigo apresentado como exigência de conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Gênero e Direito da Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos avançados, São Paulo, v. 17, n.49, p. 117-132, dez. 2003.

\_\_\_\_\_. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro,

2011.

COSTA, Mariana de Medeiros. **Feminismo islâmico: um movimento político-religioso transnacional**. 2021. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Departamento de Relações Internacionais, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

COX, Robert W. Social forces, states and world orders: beyond international relations theory. Millennium: **Journal of International Studies**, Si, v.10, n.2, p.126-155, jun. 1981.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis. 2002. p. 171-188.

DUNNE, Tim; HANSEN, Lene; WIGHT, Colin. The end of International Relations theory? European Journal Of International Relations, [s.l.], v.19, n.3, p.405-425, set. 2013. SAGE Publications. Disponível em: <<https://timjdunne.files.wordpress.com/2012/end-of-ir-theory-final-5-6-2013.pdf>

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da Informação**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 57-73, 15 set. 2019.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: RIOS, Flávia e LIMA, Márcia (orgs.) Lélia Gonzalez: **Por um feminismo afrolatinoamericano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020).

HALLIDAY, Fred. **Repensando as Relações Internacionais**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2013. 283 p.

\_\_\_\_\_. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. 176 p.

LOPES; Luara Landulpho Alves. **“Identidade e exclusão: a abordagem feminista das relações internacionais”**. 30º Encontro Anual da ANPOCS, 2006.

MENDES, Enndiel dos Santos. **Gênero e corpo: repensando as relações internacionais**. 2021. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Departamento de Relações Internacionais, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

MENDES, Pedro Emanuel. A Invenção das Relações Internacionais como ciência social: uma introdução à Ciência e à Política das RI. 2019. Disponível em: <https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/colecoes/working-papers/relacoes-externas-deportugal/a-invencao-das-relacoes-internacionais-como-ciencia-social-uma-introducao-aciencia-e-a-politica-das-ri2217/A%20Invencao%20das%20Relacoes%20Internacionais%20como%20ciencia%2>

Osocial. pdf. Acesso em: 20. jul. 2021.

MONTE, Izadora Xavier do. **Gênero e Relações Internacionais: Uma crítica ao discurso tradicional de segurança.** [Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais]. Brasília, Distrito Federal: Universidade de Brasília, 2010, 146f.

\_\_\_\_\_. O debate e os debates: abordagens feministas para as relações internacionais. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 59-80, abr. 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 276 p.

SANTANA, Andreia. Mar de Histórias. **bell hooks: uma grande mulher em letras minúsculas: uma grande mulher em letras minúsculas.** 2009. Disponível em: <https://mardehistorias.wordpress.com/2009/03/07/bell-hooks-uma-grande-mulher-em-letrasminusculas/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Almedina, 2009.

SIDDAWAY, A. P.; WOOD, A. M.; HEDGES, L. V. How to do a systematic review: a best practice guide for conducting and reporting narrative reviews, meta-analyses, and metasyntheses. **Annual Review of Psychology**, v. 70, n. 1, p. 747–770, 2019.

SOUZA, Ana Clara Telles C. de. “**O Pessoal é Internacional**”: Como as Teorias Feministas Transformam o Estudo das Relações Internacionais”. Londrina: Anais do III Simpósio de Gênero e Políticas Públicas, 2014. Disponível em: [http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10\\_Ana Clara Telles C de Souza.pdf](http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_Ana%20Clara%20Telles%20C%20de%20Souza.pdf).

TICKNER, J. Ann. **Gender in international relations: Feminist perspectives on achieving global security.** Columbia University Press, 1992.

\_\_\_\_\_. **Gendering World Politics: Issues and Approaches in the Post-Cold War Era.** Columbia University Press, 2001.

VENTURA, Raissa Wihby; KRITSCH, Raquel. Relações Internacionais, teorias feministas e produção de conhecimento: um balanço das contribuições recentes. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, Dourados**, v. 6, n. 11, p. 24-57, 2017.

WIGHT, Martin. Why is there no International Theory? **International Relations**, [s.l.], v. 2, n. 1, p.35-48, abr. 1960. SAGE Publications.

## 8 OUTRAS ATIVIDADES

No que se refere às outras atividades desenvolvidas, que favoreceram a escrita do relatório final e amadurecimento da pesquisa, ressaltamos que desde 2020 a discente é

membro do Grupo de Estudos sobre o Imperialismo, vinculado à Coordenação de Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Ao longo de exato um ano de pesquisa, significativas atividades foram empreendidas pela discente, dentre elas estão: as reuniões remotas quinzenalmente com o grupo de pesquisa e os encontros online semanais para as discussões dos textos e sobre o andamento de cada plano de trabalho entre os discentes responsáveis pelos planos envolvendo o projeto “Teorias Periféricas” e Teoria das Relações Internacionais. Como mencionado, nas reuniões eram trabalhadas e discutidas as leituras realizadas pelos integrantes, bem como exposições e troca de ideias que também ocorriam através de outros veículos de comunicação online.

Além das reuniões, leituras, fichamentos e elaboração dos relatórios, a aluna participou de algumas atividades acadêmicas de maneira remota. Houve a participação na atividade de extensão remota “Seminário de Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas- I Ciclo 2020”, coordenada pelo professor Dr. Marco Antônio de Sousa Barbosa, promovida pelo departamento de Administração da UFS.

No início de agosto de 2020, a aluna envolveu-se no evento remoto “Internacionalização do Ensino Superior: uma possível reflexão crítica”, coordenado pelo professor Dr. Cairo Gabriel Borges Junqueira, promovido pelo Departamento de Relações Internacionais da UFS, através do Projeto de Apoio Pedagógico “UFS Internacional”, do qual a discente fazia parte. Ainda no tocante às atividades promovidas pela UFS, a mesma participou, em outubro de 2020, da atividade de extensão remota “Aprimorando a Competência Textual: a coesão e a coerência no texto acadêmico”, coordenada pela professora Dra. Isabela Rosália Lima de Araújo, promovida pelo Departamento de Educação. Já em junho de 2021, destaca-se a participação no encontro da aula da disciplina de Teoria das Relações Internacionais I, com supervisão do professor da disciplina, Dr. Thiago Fernandes Franco, na aula intitulada “A(s) Teoria(s) das Relações Internacionais (TRI) e as Relações Internacionais (RI) no Brasil: a questão periférica”, com o objetivo de promover uma conversa acerca das formas de se entender o exercício de teorização e expor a movimentação da presente pesquisa no âmbito da Iniciação Científica.

Na esfera externa, a bolsista voluntária esteve envolvida em duas atividades. A primeira refere-se à participação, como ouvinte, do minicurso remoto “Debates entre Ciência e Gênero: uma introdução”, promovido pelo Departamento de Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), através do I Congresso

Unebiano de Ciências Biológicas, em novembro de 2020. O segundo, ocorrido entre 31 de agosto e 03 de setembro de 2020, diz respeito à participação e apresentação da pesquisa desenvolvida em planos de trabalhos anteriores no evento de extensão remoto “Simpósio de Iniciação Científica e Extensão em Estudos de Defesa”, coordenado pela professora Dra. Adriana Aparecida Marques, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

## **9 JUSTIFICATIVA DE ALTERAÇÃO NO PLANO DE TRABALHO**

Não se aplica.